

A QUALIDADE AMBIENTAL DO RIO TÂMEGA NA SUA PASSAGEM PELA CIDADE DE AMARANTE – BREVE RETROSPECTIVA

Francisco S. COSTA

Assistente, Secção de Geografia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Campus de Azurém, 4810 Guimarães, +351.253.510128,
costafs@eng.uminho.pt

Resumo:

O forte impulso de urbanização e urbanidade de Amarante a partir da década de sessenta originou diversos impactes nos suportes físicos do território. Neste período de quatro décadas ocorreram múltiplas transformações nas dinâmicas da cidade, da paisagem e do rio Tâmega. O rio Tâmega constitui, nesta cidade, a ambivalência de um elemento que, por um lado, é um princípio fundamental da vida, da produção e da estruturação do espaço, mas também por outro lado, uma ameaça para as actividades e para a saúde humana, sendo por isso fundamental compreender a degradação da qualidade ambiental no rio ao longo destas últimas quatro décadas. **Palavras-chave:** Rio Tâmega, Amarante, planeamento urbano, degradação ambiental, poluição.

1. ALGUNS INDICADORES DA VARIABILIDADE DA QUALIDADE AMBIENTAL NO VALE DO TÂMEGA NA SUA PASSAGEM PELO CENTRO URBANO DE AMARANTE – BREVE RETROSPECTIVA

Na década de sessenta, o grande impulso de urbanização, com as novas zonas urbanas implantadas, não é acompanhado ao mesmo ritmo em termos de infra-estruturas básicas. O saneamento básico continua a ser a grande obra a realizar no centro urbano. Os problemas de limpeza nos areais das praias fluviais e nas margens do rio começam a aparecer com frequência. Conjugados às cheias e à extracção de areias, surgem os primeiros sinais preocupantes de degradação ambiental restringindo as actividades de lazer fluvial.

A década de setenta é marcada pela progressiva urbanização nos núcleos rurais das freguesias urbanas da vila, alargando e consolidando a mancha urbana da margem esquerda. A preocupação da autarquia em preparar a fase final do saneamento na vila e continuar a extensão das redes de saneamento e água para as freguesias limítrofes à vila é evidente.

O rio e as suas margens mostram um estado deplorável que se agrava, substancialmente, com os resíduos não tratados, principalmente do efluente proveniente do matadouro municipal. Resultado de um progressivo abandono, da inclemência das cheias e certos abusos pelo homem, a Praia Aurora encontrava-se num estado deplorável.

Durante o período de um ano, 1976/77, a Comissão de Planificação da Região Norte realizou um estudo para a determinação da qualidade da água no Baixo Tâmega: os valores obtidos revelaram que o rio se podia considerar não poluído na maior parte do percurso estudado. No entanto, junto à vila de Amarante, o teor de oxigénio dissolvido (OD) assim como alguns valores de carência bioquímica de oxigénio (CBO5) revelaram forte actividade bacteriana, ao que se determinou ser devido ao lançamento de esgotos não tratados. Os exames bacteriológicos confirmaram que a jusante da urbe de Amarante, as águas fortemente poluídas nem sequer podiam ser utilizadas para fins recreativos, devendo-se tal facto ao lançamento de águas residuais domésticas não tratadas directamente ao rio.

Os resultados do XII Recenseamento Geral da população de 1981 apresentaram um valor de 12,3% no que se refere à cobertura de saneamento básico para o concelho. A rede de esgotos abrangia apenas onze lugares do concelho entre eles o centro urbano de Amarante; a rede pública de

saneamento ligada à estação de tratamento de águas residuais apresentava grandes deficiências, sobretudo, na cobertura efectiva da área que servia, pelo facto de não funcionar na sua plenitude.

Os estudos sobre a qualidade das águas realizados pela Direcção Geral dos Recursos e Aproveitamentos Hidráulicos entre 1978/79 e 1984/85 confirmavam a tendência de degradação ambiental do rio pela sua passagem em Amarante: o rio Tâmega, considerado como não poluído na maior parte do seu curso (classe A), era, a partir daí, classificado com a classe B, apresentando-se ligeiramente poluído em consequência da descarga dos esgotos domésticos e de efluentes de algumas indústrias próximas da vila.

O aproveitamento hidroeléctrico do rio Tâmega começou em 1989, com a entrada em funcionamento da Barragem do Torrão, situada no Marco de Canaveses.

No início dos anos noventa, o mau aspecto do rio, na época da descida das águas e a acumulação de lixo nas margens leva a várias iniciativas de recuperação ambiental: os arranjos na Praia Aurora, na Ínsua dos Frades e na margem esquerda, junto à Av. Beira-rio; a limpeza do rio e o seu afundamento, junto ao canal da margem esquerda da Praia do Areal.

Em junho de 1990, o Laboratório de Hidráulica da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto realizou uma campanha de caracterização do rio Tâmega. O relatório final refere que, de um modo geral, as águas do rio apresentavam-se dentro dos parâmetros de qualidade desejáveis, verificando-se contudo valores reduzidos de OD e elevados valores de óleos e de CBO5 nas imediações de Amarante, denunciando a existência de descargas poluentes superiores ao desejável com origem, em particular, nesta cidade.

A publicação dos resultados dos Censos 91 vêm confirmar duas tendências no que diz respeito ao saneamento básico: por um lado, continua a verificar-se uma fraca taxa de cobertura ao nível concelhio (8,7%) e, por outro, a concentração da rede pública de esgotos nas freguesias urbanas, com quase 92% do total concelhio. Perante esta situação, a CMA anuncia a aposta da autarquia num Plano Director de Saneamento, para atenuar e resolver as situações de inadequação e de rotura existentes.

No verão de 1997, surgiria um problema que acabaria por ser objecto de cobertura noticiosa a nível nacional: a água da rede pública tornava-se imprópria para consumo. A densa vegetação que cobriu a albufeira do Torrão e a constante poluição na zona urbana de Amarante afectariam as captações de água no rio Tâmega, levando à sua contaminação.

BIBLIOGRAFIA

- COSTA, F., S. – *A importância dos processos morfogenéticos no ordenamento urbano – o caso de Amarante*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1998.
- COSTA, F., S. – “A geografia no contributo à gestão e ao planeamento físico da cidade – o caso de Amarante”, *InforGeo*, 12 & 13 “A interdisciplinaridade na Geografia Portuguesa: novos e velhos desafios”, Edições Colibri e Associação Portuguesa de Geógrafos, Lisboa, 1998, pp. 275-280.
- COSTA, F., S., – “Património e requalificação urbana: o caso de Amarante”, *Actas do Congresso Histórico 98*, volume IV “Poder local municipal, autarquias e instituições”, Amarante, 2001, pp. 19-27.
- CPRN - *Contribuição para o estudo da qualidade da água do Baixo Tâmega*, Porto, 1977.
- ENGE-RIO; TECNINVEST - *Aproveitamento hidroeléctrico do rio Tâmega - escalão de Fridão*, Vol. I e VI, EDP-SA, Lisboa, 1991.
- LABORATÓRIO DE HIDRÁULICA - “Campanha de caracterização do rio Tâmega”, *Relatório*, Fac. de Eng.^a do Porto, Porto, 1990.